Fora de Página
Südaka Magazine
© Südaka Editorial

HISTÓRIA

1492: A destruição que foi batizada como "descobrimento"

Por Sergio Rivera

Outubro é sempre o mês do "descobrimento da América". Todos os anos, em algumas praças, hasteiam-se bandeiras espanholas, as declarações oficiais reiteram o "encontro de civilizações" e os livros didáticos viram a página sem parar. No entanto, quando a retórica do poder tenta diluir uma catástrofe em uma "epopeia de aventuras", é necessário pronunciar novamente a palavra incômoda: não foi um descobrimento, foi uma invasão, foi colonização, é violência estrutural que continua até hoje.

Mas o problema está precisamente no nome:
como pode ser "descoberto" um continente habitado há gerações por dezenas de milhões de pessoas?

O relato oficial costuma descrever 12 de outubro de 1492 como um "grande momento" da humanidade: a frota de Colombo chega à ilha de Guanahaní, nas Bahamas, e Europa e América se "encontram". Os arquivos do Ministério da Cultura da Espanha intitulam essa data "Descobrimento da América", definem-na como a realização do "projeto colombino" e legitimam a posterior conquista colonial como "difusão da fé e expansão territorial". Mas o problema está precisamente no nome: como pode ser "descoberto" um continente habitado há gerações por dezenas de milhões de pessoas?



Representação do descobrimento da América,
conforme a visão cavalheiresca de Colombo

A violência de um verbo

O verbo "descobrir" pressupõe que o descoberto esperava ser descoberto: sem dono, sem nome, à espera de que lhe seja outorgado significado. Como assinala o historiador Edmundo O'Gorman, a América não foi uma entidade preexistente, mas se tornou "América" no momento em que lhe foi "atribuído significado". Em outras palavras, o "descobrimento" não é o registro de um fato objetivo, mas uma afirmação de poder: declara quem tem o direito de nomear, de possuir e de decidir o destino de uma terra e de seu povo.

Esse direito de nomear foi acompanhado, desde o início, de um duplo respaldo: jurídico e teológico. Em abril de 1492, os Reis Católicos firmaram com Colombo as Capitulações de Santa Fé, concedendo-lhe os títulos de "Almirante, Vice-rei e Governador-Geral" e prometendo-lhe a décima parte dos lucros das terras que "descobrisse". No ano seguinte, o papa Alexandre VI promulgou bulas que delimitavam as fronteiras da expansão espanhola. O Tratado de Tordesilhas de 1494 dividiu o mundo em dois. Nesse marco jurídico, os povos originários nunca foram consultados, nunca foram considerados sujeitos de direito. Suas terras foram definidas como "terras vazias"; eles mesmos, como pagãos a serem "reduzidos".



Representação do presságio de Moctezuma, pertencente ao chamado Códice Durán

Da "correspondência" ao extermínio

Se "descobrimento" é uma mentira, "encontro" é um disfarce mais refinado. Sugere igualdade, reciprocidade, diálogo entre civilizações. A realidade foi o contrário: uma destruição total que utilizou como ferramentas a força, a doença e o trabalho forçado.

Tomemos o México. Em 1519, Hernán Cortés partiu de Havana em direção à costa mexicana com cerca de 670 espanhóis, 200 cubanos, alguns cavalos e cães de presa. Seu objetivo era conquistar. Com a ajuda dos tlaxcaltecas — povo oprimido pelos mexicas que optou por se aliar aos espanhóis —, Cortés pôde avançar rumo a Tenochtitlan. Em 1520, a varíola chegou com os espanhóis e causou estragos entre uma população sem imunidade. O tlatoani Cuitláhuac morreu de varíola; sucedeu-o Cuauhtémoc, de apenas 22 anos. Em 13 de agosto de 1521, após 75 dias de cerco, fome, sede e epidemia, Tenochtitlan caiu. A cidade foi arrasada e o império, aniquilado.

Na América do Sul, o mesmo roteiro se representou de outras maneiras. Lope de Aguirre, o "louco conquistador" que Herzog levou ao cinema, desceu o Amazonas em 1560 abrindo caminho a sangue e fogo, até morrer nas mãos de seus próprios soldados. Pedro de Valdivia, conquistador do Chile,

fundou Santiago em 1541 e avançou para o sul, mordendo terra mapuche com fortes e cidades. Os mapuche resistiram durante décadas, mas Valdivia acabou capturado e executado na batalha de Tucapel, em 1553. A conquista nunca foi unidirecional, mas sua violência foi sistemática.

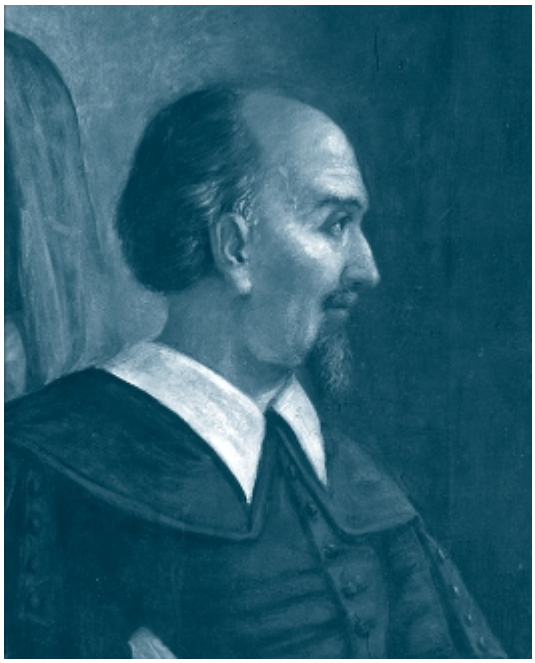
População: os números apagados

Para compreender a magnitude da catástrofe, os dados demográficos são o testemunho mais silencioso e mais eloquente. Quantos habitantes a América tinha antes de Colombo é objeto de debate acadêmico até hoje. Alguns pesquisadores calculam cerca de 80 milhões para todo o continente; estimativas mais audazes falam de cerca de 90 milhões. Qualquer que seja o número, o colapso demográfico do século seguinte é estarrecedor. Os taínos das ilhas caribenhas praticamente desapareceram. A população do centro do México caiu cerca de 90% no século posterior à conquista.

O cronista Gonzalo Fernández de Oviedo escreveu que somente na governação de "Castilla del Oro", no Panamá e na Nicarágua, durante os 16 anos do governo de Pedrarias (1514-1530), morreram dois milhões de indígenas. Que o número seja exato importa menos que sua direção: aponta um processo sistemático de extermínio no qual guerra, trabalho forçado, fome e doença formaram uma máquina de morte que se reforçava a si mesma.

Las Casas e a consciência do colonialismo

Nem todos os espanhóis se calaram diante da destruição. Bartolomé de las Casas, colono que chegou a possuir uma encomienda em Cuba, transformou-se após presenciar os abusos contra os indígenas. Renunciou a suas terras, tornou-se frade dominicano e, em 1542, impulsionou as Leis Novas, que buscavam limitar a escravidão dos originários. Em 1552 publicou a Brevíssima relação da destruição das Índias, onde, como testemunha, registrou os crimes dos conquistadores.



Bartolomé de las Casas



Massacre do Templo Mayor, ordenada por Pedro de Alvarado segundo a versão asteca. Códice Durán

Na famosa disputa de Valladolid, realizada entre 1550 e 1551, Las Casas enfrentou o teólogo Juan Ginés de Sepúlveda. Este defendia a guerra de conquista com argumentos que incluíam a "inferioridade natural" dos indígenas, a obrigação de extirpar a "idolatria" e o dever de evangelizar. A resposta de Las Casas foi contundente: a liberdade é um direito outorgado por Deus a todos os seres humanos e é essencial à pessoa. Sustentar que a escravidão é natural é "o mais absurdo, vazio e sem razão nem autoridade alguma". E perguntava, recorrendo à história de Roma: se os romanos tiveram direito de repartir os espanhóis, tirar-lhes a liberdade e obrigá-los a trabalhar nas minas, como deve ser chamado o que os espanhóis fizeram com os indígenas?

"... a liberdade é um direito outorgado por Deus a todos os seres humanos e é essencial à pessoa. Sustentar que a escravidão é natural é 'o mais absurdo, vazio e sem razão nem autoridade alguma'."

O rei Carlos V chegou a autorizar a publicação da defesa de Las Casas e proibiu a obra de Sepúlveda. Mas a pressão dos interesses coloniais foi mais forte: os escritos de Las Casas também foram censurados em 1552 e proibiu-se seu envio à Nova Espanha. A lógica colonial terminou impondo-se sobre o protesto da consciência.

Quinhentos anos de continuidade

"Passaram mais de 500 anos e ainda é necessário falar de espólio, matança, extermínio." Não é uma frase retórica: é um fato. A resistência indígena nunca cessou. Da longa guerra de Arauco que os mapuche sustentaram no século XVI aos movimentos indígenas atuais no Chile, Bolívia, México e Guatemala, a luta pela terra, pelo reconhecimento cultural e pela autonomia continua.

Os dados também pesam. Na América Latina, os indígenas representam cerca de 50% da população na Bolívia e 48% na Guatemala; no Peru, cerca de 38%. No entanto, nesses países e em todo o continente, os povos originários continuam sendo "os grandes ausentes da modernidade": sua população cresce, mas sua presença na representação política, nos recursos econômicos e no sistema judiciário está muito abaixo de seu peso demográfico.

Construir sobre a verdade

Eduardo Galeano escreveu em As veias abertas da América Latina: "Tínhamos a terra, eles tinham a Bíblia. Fechamos os olhos. Depois tínhamos a Bíblia e eles nossa terra." A frase é afiada porque revela a dupla expropriação do colonialismo: não apenas a pilhagem dos recursos materiais, mas a inversão do mundo de sentido. Aos originários disse-se que seus deuses eram demônios, que suas terras eram vazias, que sua história começava no momento em que foram "descobertos".

"Para construir futuro, é preciso construí-lo sobre a base da verdade, não dos mitos de descobrir o que na verdade se destruiu." Esse juízo não é um acerto de contas com o passado, mas uma exigência do presente. Quando certas forças políticas do século XXI continuam invocando a "civilização" para justificar a exclusão, quando as demandas dos povos originários continuam sendo tratadas como "problemas" e não como justiça, a sombra de 1492 nunca se dissipou por completo.

Outubro chega todos os anos com sua data oficial. Mas a verdadeira comemoração não consiste em celebrar um verbo, mas em olhar de frente tudo o que esse verbo ocultou: as cidades incendiadas, os nomes apagados, as genealogias cortadas e as pessoas que ainda hoje lutam por seus direitos ancestrais. Essa é a história que o "descobrimento" nunca contou.



CRÍTICA LITERÁRIA

Um Tedeum para a morte

Volume II: A cidade dos mortos

Por Jack Solo

No número anterior, dissemos que ler um romance de 1.400 páginas dividido em quatro volumes é uma empresa que poucos leitores empreendem sem um guia. No caso de *Um Tedeum para a morte* de Vicente de la Serna, cujo segundo volume (*A cidade dos mortos*) já pode ser lido na íntegra, o caminho torna-se mais escuro e necessário. Se o primeiro volume era a apresentação do ecossistema ditatorial, este segundo é a sua dissecação ao vivo.

O maior feito técnico do romance continua a ser a diferenciação das vozes. Pedro Cornejo consolida-se como o centro moral. As suas cartas a Ramirito são, sem exagero, uma das peças mais comoventes da narrativa chilena sobre a tortura. "Morrer foi um privilégio que me foi negado", escreve, e essa frase resume o paradoxo da sobrevivência sob o terror. José Pablo Moreira, o Casanova crioulo, atinge a sua forma definitiva no monólogo "O amor sexual": um torrente de arrogância, misoginia e delírio de grandeza que revela o seu vazio moral. Javier Lavín revela-se como a figura mais hipócrita do volume; o seu "risinho idiota" é a sua condenação. Adolfo Husmán, a gueixa do regime, encarna a vida dupla do poder: conselheiro de Pinochet de dia, transformista no bordel de noite. E Jésica Poblete, no seu monólogo "O credo", percorre a sua vida, o seu amor por Mario, a sua fé quebrada, a sua maternidade solitária.

O segundo volume amplia o mapa do romance. O gabinete de Lavín é o espaço do poder e da hipocrisia; o elevador é o conduto para a degradação moral; o Mercedes Benz é a ironia do torturado que conduz o seu torturador; o Bar Nacional é o cruzamento entre a memória de Pedro e a frivolidade dos algozes; a Colonia Dignidad, embora apenas mencionada, é o horizonte do horror.

O autor cumpre também a promessa de fazer da ditadura não um tema, mas um mundo: um ecossistema completo onde o narcotráfico, a pedofilia, a corrupção, a tortura e a hipocrisia religiosa estão conectados.

Pedro Cornejo é o herói que não queria sê-lo. A cena do salgueiro-chorão com os brinquedos dos seus filhos — um preso conta que viu, da janela da cave, uma árvore com brinquedos pendurados; Pedro reconhece os brinquedos dos seus filhos — condensa décadas de horror numa única imagem. O diálogo com o padre Pierre Dubois coloca o dilema moral da resistência: é legítimo usar a violência contra a violência? Pedro não encontra uma resposta fácil. A sua incerteza é a incerteza de todos os que sofreram a opressão.

A crítica à Igreja Católica é aprofundada. O padre Baradima, confessor dos Lavín e guia espiritual de Silvino, usa a religião para justificar a pedofilia. "Todo o prazer tem o seu castigo", diz ele a Silvino enquanto o inicia no sexo oral. O contraste com o padre Dubois — o jesuíta que se interpõe

entre as balas e os moradores das favelas — é brutal. A Igreja, no seu conjunto, é cúmplice do regime; Dubois é a exceção que confirma a regra. O Te Deum do título torna-se uma ironia feroz: Ernestina de Lavín canta louvores a Deus enquanto o seu filho é violado.

Jésica torna-se testemunha da violação de Ignacia, a adolescente de quinze anos. "Ou te juntas ou vais-te embora", diz-lhe Moreira. Jésica vai-se embora. A sua retirada é um ato de sobrevivência, mas também de fracasso moral. A violação de Ignacia é descrita com um realismo que a torna insuportável. De la Serna não poupa nos detalhes porque o horror não pode ser adoçado. Ignacia está drogada, confusa, assustada. "Queria que tudo acabasse. Sentia falta da sua cama." Essa frase resume toda a tragédia da inocência destruída.

O estilo de De la Serna depurou-se. As frases longas do primeiro volume foram substituídas por uma prosa mais contida, mais precisa. A prosa de Pedro é reflexiva, pausada, por vezes poética: "As angústias procuram as suas saídas. São como tenazes que por si só abrem caminho." A prosa de Moreira é visceral, grosseira, rápida. A prosa de Jésica é formal no trabalho, íntima no monólogo. O autor aprendeu a confiar no leitor.

Se De la Serna mantiver o nível,
este será um dos grandes romances chilenos do século XXI.



Cumpriu as expectativas?

O primeiro volume prometia um romance monumental sobre a ditadura chilena, com personagens inesquecíveis e uma estrutura coral ambiciosa. O segundo volume cumpre amplamente essa promessa. Não só mantém o nível; aprofunda-o. As personagens que no primeiro volume eram promessas tornam-se aqui certezas: Pedro não é um sobrevivente qualquer, é um herói trágico da resistência; Jésica não é uma secretária qualquer, é a consciência do romance; Moreira não é um dom João, é um predador cujo vazio moral é o espelho do regime.

O autor cumpre também a promessa de fazer da ditadura não um tema, mas um mundo: um ecossistema completo onde o narcotráfico, a pedofilia, a corrupção, a tortura e a hipocrisia religiosa estão conectados. A Colonia Dignidad, o Opus Dei, a CNI, os bordéis de travestis, os jantares dos empresários: tudo está tecido numa rede que o leitor vai reconhecendo peça por peça.

No entanto, há um ponto onde o autor não cumpre totalmente o que o primeiro volume insinuava: a ação. O primeiro volume terminava com Lavín a ir buscar Jésica, e o leitor esperava um clímax. O segundo volume oferece clímax, mas fragmentados: a violação de Ignacia é um clímax para a linha de Moreira, mas o atentado de Pedro — a grande promessa do romance — fica pendente. O terceiro volume terá a responsabilidade de resolver essa tensão. Por agora, o autor optou pela acumulação de intensidade em vez da resolução.



(Foto: Noname13)



(Pexel_sxaxoxfz)

Comparações literárias

Um Tedeum para a morte não é um romance fácil de comparar, porque a sua ambição é pouco comum. No entanto, podem traçar-se algumas linhas de parentesco.

Com **Roberto Bolaño**, inevitavelmente. *Nocturno do Chile* e *Estrela distante* também abordam a ditadura chilena com uma mistura de humor negro e horror, e também jogam com a ideia da vida dupla e da hipocrisia dos intelectuais e artistas. Mas Bolaño é mais elíptico, mais poético, mais fragmentário. De la Serna é mais direto, mais narrativo, mais "clássico" na sua construção de personagens. Se Bolaño é o poeta do horror, De la Serna é o seu romancista.

Com **Mário Vargas Llosa**, especialmente com *A Festa do Bode*, sobre a ditadura de Trujillo. Vargas Llosa também constrói um ecossistema ditatorial completo, com o ditador no centro e uma rede de cúmplices e vítimas à sua volta. Mas Vargas Llosa é mais sóbrio, mais "sério". De la Serna permite-se o grotesco, o humor negro, a sátira aberta. Vargas Llosa denuncia; De la Serna também, mas por vezes fá-lo rindo-se das suas personagens.

Com **Norman Mailer** e *Os Nus e os Mortos*, onde a guerra não é apenas um cenário, mas uma forma de vida que corrompe todos os que nela participam. De la Serna faz algo semelhante com a ditadura: não é apenas um sistema político, é uma condição humana que deforma as personagens. O paralelo com Mailer é útil porque ambos os autores mostram o inimigo por dentro, não como uma abstração, mas como pessoas concretas com motivações complexas.

Com o **romance russo do século XIX**, especialmente com **Dostoiévski** e a sua capacidade de criar personagens que são ideias vivas. Moreira é uma ideia (o machismo como patologia), Lavín é uma ideia (a hipocrisia burguesa), Husmán é uma ideia (a vida dupla do poder). Mas De la Serna não é um moralista como Dostoiévski; não julga as suas personagens de cima, mas deixa-as falar e agir, e é o leitor que julga.

Com **Richard Flanagan** e *O Caminho Estreito para o Norte Profundo*, sobre o horror dos campos de prisioneiros japoneses na Segunda Guerra Mundial. Flanagan, como De la Serna, mostra o horror não como um catálogo de atrocidades, mas como uma experiência interior que transforma as personagens. Ambos os autores escrevem sobre o sofrimento com uma contenção que o torna mais poderoso.

Um nome menos óbvio: **Philip K. Dick**, não pelo tema (ficção científica) mas pela paranoia. *Um Tedeum para a morte* é atravessado por uma paranoia que lembra *O Homem do Castelo Alto*: todos sabem que o regime é falso, todos sabem que o poder é uma ilusão, mas ninguém consegue escapar-lhe. De la Serna, como Dick, escreve sobre a realidade como um sistema de controlo.

Opinião pessoal

Esta é uma opinião de crítico, não de académico. Posto isto:

Um Tedeum para a morte é o romance sobre a ditadura chilena que precisávamos e que não sabíamos que estávamos à espera. Não é perfeito. Por vezes exagera no registo satírico; a piada de Gáceres e as suas flatulências, eficaz da primeira vez, torna-se repetitiva. Por vezes a densidade de personagens overwhelm; o leitor pode perder-se entre tantos nomes e subtramas. Alguns monólogos interiores poderiam ser encurtados sem perda.

Mas as suas virtudes superam de longe os seus defeitos. O autor conseguiu algo difícil: mostrar a ditadura de todas as perspetivas — algozes, vítimas, cúmplices, indiferentes — sem nunca perder de vista a dimensão moral. Pedro e Jésica são personagens que o leitor não esquece; Moreira e Gavilán são personagens que o leitor detesta com conhecimento de causa.

O que mais valorizo neste romance é a sua coragem. De la Serna não escreveu um romance complacente. Não adoçou o horror, não transformou as vítimas em santos, não simplificou os algozes. Escreveu sobre a ditadura como se deve escrever sobre ela: com raiva, mas também com lucidez. Com denúncia, mas também com arte.

A segunda parte da saga é melhor que a primeira. As personagens já estão definidas; o autor já sabe o que quer dizer e como dizê-lo. A estrutura, que no primeiro volume parecia por vezes dispersa,

aqui torna-se mais orgânica. Cada capítulo tem um propósito, cada voz tem um lugar.

Espero o terceiro volume com ansiedade. Se De la Serna mantiver o nível, este será um dos grandes romances chilenos do século XXI.

Classificação: ★★★★½ (4.5/5)

Jack Solo
Crítico literário

..... Publicidad ..... Werbung ..... advertising ..... publicité ..... publicidade .....

"Tedeum des Todes" ist kein politischer Roman. Es ist ein Roman darüber, was geschieht, wenn Macht zur Gewohnheit wird und Grausamkeit zur Routine. Es gibt hier keine Helden. Nur Überlebende.

ISBN: 9789403921778



Fora de Página
Südaka Magazine
© Südaka Editorial

NOVOS AUTORES – NOVOS LIVROS

Amor eterno

Um romance sobre o amor que não ousa dizer seu nome

/SE

Amor eterno. A sombra do tempo, de Néstor Giménez, é um romance que se apresenta como um relato de investigação — uma mulher desaparecida, um cliente desesperado, um investigador reticente — mas o gênero noir é apenas o esqueleto de uma obra muito mais ambiciosa: uma indagação sobre a natureza do amor, o peso do tempo e as sombras que ambos projetam na memória.



Néstor Giménez: *Amor eterno. A sombra do tempo*.
ISBN: 9789403917283
142 páginas

A voz de um detetive cansado

Giménez constrói um protagonista memorável em Estanislao López, um investigador salmantino que se define a si mesmo como "uma casa pequena, humilde, simples" onde as mulheres passam como visitas que raramente acedem à sala. Há nele uma sabedoria cansada, um humor ácido que não esconde sua fragilidade e uma honestidade comovente quando confessa que se reconhece "como um ser de outono" [1].

A voz narrativa de Estanislao é um dos maiores acertos do romance. Seu tom combina a ironia do detetive clássico com uma sensibilidade quase poética, capaz de se deter nos pequenos detalhes — o aroma de um café, a luz fragmentada por um vitral, o sacolejar de um trem — para construir uma atmosfera de melancolia contida.

O título, *Amor eterno. A sombra do tempo*, funciona como uma ironia que o romance se encarrega de desmontar. O eterno, sugere Giménez, não é o amor em si, mas a busca por ele.

A trama como pretexto

O mistério do desaparecimento de Minna Keller funciona como um McGuffin perfeito. O que realmente importa não é onde ela está, mas o que sua ausência revela sobre quem a procura: Peter, o namorado que confunde posse com amor; e Estanislao, que se esconde atrás do caso para não olhar para sua própria solidão.

Giménez constrói uma rede de pistas que conectam a clonagem humana, os experimentos genéticos nazistas e a seita raeliana com uma história de amor que atravessa décadas. O romance leva a ciência a sério, mas nunca permite que o dado técnico ofusque o mistério humano. Quando Karl Fesser sussurra a possibilidade de que seres humanos tenham sido clonados, o leitor sente o mesmo arrepio que Estanislao. Mas Giménez não explora esse terror; deixa-o flutuando, como uma pergunta sem resposta definitiva.

A paisagem como personagem

Giménez escreve com uma prosa que se demora nos detalhes. Salamanca, Las Hurdes, Nuremberg e Heidelberg não são meros cenários, mas estados de espírito [3]. O trem que "vai deixando um rastro de adeuses silenciosos", a chuva que persegue Estanislao "pela Europa", o bow window de Greta onde a luz se fragmenta em vitrais unidos com chumbo: tudo respira melancolia.

O autor, músico de formação — titulado superior em interpretação de piano jazz pela ESMUC e compositor premiado [1][3] — imprime à prosa um ritmo que lembra uma composição musical: há silêncios, pausas, temas que reaparecem e se transformam. Não é por acaso que a obra cita Wagner, Chopin e Tristão e Isolda; a música é uma metáfora constante da busca pelo amor eterno.

O amor como fio vermelho

O título, *Amor eterno. A sombra do tempo*, funciona como uma ironia que o romance se encarrega de desmontar. O eterno, sugere Giménez, não é o amor em si, mas a busca por ele. O "fio vermelho" da lenda japonesa aparece aqui não como certeza, mas como pergunta: e se o fio se emaranhar? E se a autoestrada colapsar?

O romance propõe uma reflexão sobre o amor que é ao mesmo tempo íntima e universal. Estanislao,

que conheceu o desamor, debate-se entre o medo de se entregar e a necessidade de fazê-lo. Greta, a mulher que irrompe em sua vida, ensina-lhe que o amor "não tem a ver com um: tem a ver com o outro, priorizando-o mais do que ao próprio interesse" [2]. Essa lição de desconstrução — termo que o protagonista emprega no final — é a verdadeira resolução da trama.



Néstor Rubén Gimenez

Um final aberto

Giménez resolve a trama detetivesca de maneira quase anticlimática: Minna e Josef estão juntos em Berlim, trabalhando para a empresa de biotecnologia ligada à clonagem. Não há crime, não há sequestro. Apenas uma história de amor que, vista de fora, parece uma traição. Mas o autor não julga. Deixa que Peter chore sua despedida, que Estanislao arquive as fotos e que o leitor tire suas próprias conclusões.

Amor eterno. A sombra do tempo é um romance que leva a felicidade a sério sem cair no piegas.

O verdadeiro clímax não é o reencontro com Minna, mas o encontro de Estanislao com Greta. A última cena, onde o investigador guarda o retrato de Greta e anuncia a sua secretária que viajará para Ourense ("Devo encontrar-me com alguém"), é um final aberto, otimista sem ser ingênuo. Estanislao não encontrou o amor eterno; encontrou, talvez pela primeira vez, a possibilidade de deixar de procurá-lo.

Conclusão

Amor eterno. A sombra do tempo é um romance que leva a felicidade a sério sem cair no piegas. É uma obra sobre detetives que acabam investigando a si mesmos, sobre desaparecimentos que são na realidade aparições, e sobre um amor que só pode ser eterno se aprendermos a amar "bonito, a sentir saudade docemente e em silêncio, a recordar sem dor nem rancores".

Néstor Giménez, pianista e compositor de formação, escreveu um romance que merece ser lido com a mesma pausa com que Estanislao bebe seu café: devagar, saboreando cada gole, deixando que o aroma invada o ambiente. E, como nos melhores relatos, ao fechar o livro tem-se a sensação de que a história não terminou, mas continua em algum lugar, talvez num trem que cruza o planalto, talvez na memória de alguém que está aprendendo a viver.

Fora de Página
Südaka Magazine
© Südaka Editorial

VOZES NOVAS E ANTIGAS



Alfonsina Storni

Alfonsina Storni e *La inquietud del rosal*: O grito inaugural de uma poeta moderna

No vasto e muitas vezes tempestuoso mar da literatura latino-americana, a figura de Alfonsina Storni (1892–1938) ergue-se como um farol incontornável. Poeta, dramaturga, professora e jornalista, a sua vida e obra são um testemunho de luta, sensibilidade e uma consciência crítica aguçada que desafiou os cânones da sua época. Com a sua voz inconfundível, tornou-se uma das figuras mais importantes não apenas da poesia argentina, mas de toda a literatura em língua espanhola do século XX.

A publicação do seu primeiro livro, *La inquietud del rosal* (A inquietude do roseiral), em março de 1916, marcou um antes e um depois. Prefaciado por Juan Julián Lastra, este livro de poemas não foi simplesmente a estreia de uma jovem promessa; foi a declaração de princípios de uma nova sensibilidade feminina na poesia. A própria Storni, com a autocrítica que a caracterizava, chegou a classificar a sua obra como um "péssimo livro de versos". No entanto, com o tempo, o seu valor foi reavaliado, sendo hoje entendido como a pedra angular de toda a sua poética e um arauto da emancipação feminina na literatura.

Um manifesto de inquietude e libertação

O poema que dá título ao livro é um manifesto claro:

> *"O roseiral na sua inquieta maneira de florir*
> *queima a seiva que alimenta o seu ser.*
> *Olhai as rosas que caem do roseiral:*
> *Tantas são que a planta morrerá deste mal!"*

À primeira vista, pode ler-se como uma metáfora da juventude que se consome por se apressar a viver. Mas a crítica literária contemporânea vê nestes versos algo muito mais profundo: a representação de uma "inquietude feminina" que se torna um arauto de emancipação. O "roseiral" que floresce precipitadamente é a mulher que a sociedade obriga a amadurecer antes do tempo, a quem se exige ser adulta sem ter tido a oportunidade de se conhecer a si mesma, e cuja energia vital se esgota nessa tentativa. Esta leitura transcende o pessoal para se tornar uma crítica social, uma denúncia do papel que era imposto às mulheres na sua época.



Alfonsina Storni
La inquietud del rosal
ISBN: 9789403916545
120 páginas

Longe de se deixar encaixotar no estereótipo de "poetisa sentimental", Storni utilizou a ironia e a subversão como as suas principais ferramentas. Embora os seus poemas explorem o amor, a morte e a intimidade, fazem-no a partir de uma perspetiva radicalmente nova. Para Storni, e para a geração de escritoras que inspirou, conhecida como a **Geração de 16** — com figuras como Amalia Prebisch ou Blanca Colt de Hume —, a escrita era um ato de rebeldia. O seu objetivo era "conseguir escrever, em definitivo, como um homem", ou seja, com a mesma liberdade e sem os filtros alegóricos que a tradição impunha à lírica feminina.

Neste sentido, *La inquietud del rosal* trastoca o paradigma da poesia argentina. O paroxismo e a entrega submissa do amor romântico ficam para trás para dar lugar a um "descaramento pagão transbordante de sensualidade e verdadeiro sentimento feminino". A voz poética de Storni é a de uma mulher que não teme reivindicar o seu espaço, como se evidencia em versos que ressoam com uma surpreendente atualidade:

> *"Mulheres! ... A beleza é uma forma*
> *e o óvulo uma ideia —.*
> *Que o óvulo triunfe!"*

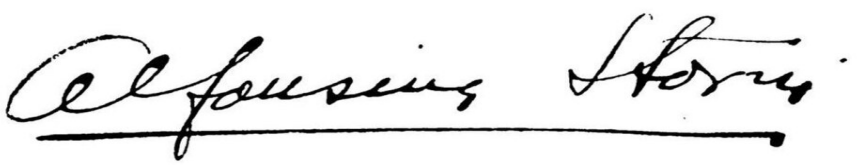
Esta declaração, que poderia ser considerada um grito feminista avant la lettre, posiciona-a como uma precursora do feminismo literário em língua espanhola.

A atualidade de uma voz clássica

Cem anos após a sua publicação, a mensagem de *La inquietud del rosal* continua "categórica e atual". A atualidade tem sido, paradoxalmente, cruel com Storni, reduzindo por vezes o seu legado a anedotas sobre a sua trágica morte. No entanto, é precisamente na leitura integral e atenta da sua obra que encontramos a verdadeira Alfonsina: uma mulher que com 24 anos já "pôde encontrar e ver muito da vida sem ter percorrido os seus momentos-chave: a doença, a dor, os suplícios e a decisão da própria morte". A sua poesia é um canto à vida, ao mesmo tempo que uma exploração da morte, da inocência perdida e dos legados que deixamos.

É aqui que projetos editoriais como o da **Südaka Editorial** adquirem uma relevância fundamental. A sua missão de dar voz a "vozes novas e antigas" do continente, distribuindo "memória, design e palavra viva" na Europa e no mundo, é um pilar para a difusão do nosso património literário. Ao resgatar e reeditar obras como *La inquietud del rosal*, editoras como a Südaka, que procuram publicar e dar a conhecer escritoras e escritores latino-americanos com um profundo respeito pelo texto original, permitem que as novas gerações de leitores redescubram uma Storni que não é apenas um ícone do passado, mas uma voz vibrante e contemporânea.

Graças a estas iniciativas, podemos continuar a mergulhar na poesia de Alfonsina Storni e compreender por que razão essa "inquietude do roseiral" continua a florir, mais viva do que nunca, no jardim da literatura universal. O seu legado, longe de se esgotar, convida-nos a continuar a ler, a continuar a questionar e a não parar de procurar a nossa própria voz.



Fora de Página
Südaka Magazine
© Südaka Editorial

GENTE

Cinquenta anos de palavras: A Tertúlia Literária El Butacón completa meio século em Hamburgo

Um refúgio do espanhol no norte da Alemanha que manteve viva a chama da literatura migrante durante cinco décadas



Há reuniões que nascem da necessidade e se tornam lenda. A Tertúlia Literária El Butacón é uma delas. Corria o ano de 1976 quando um grupo de emigrantes espanhóis, radicados em Hamburgo e confrontados com a cotidianidade do idioma alemão em seus trabalhos e nas escolas de seus filhos, tomou uma decisão que marcaria meio século de vida cultural na cidade hanseática: fundar um espaço onde o espanhol não apenas se conservasse, mas florescesse.

A ata de fundação tem data de 11 de setembro de 1976. Assinada na cidade alemã, aqueles pioneiros — majoritariamente operários, com alguns acadêmicos entre eles — decidiram que sua língua não deveria ficar relegada ao âmbito doméstico. Assim começou uma epopeia cultural que, cinquenta anos depois, continua viva e vibrante.

A adega como pátria

Os primeiros encontros tiveram lugar nos fundos — na adega, para ser preciso — de uma tasca de comidas espanholas. Nas tardes de sexta-feira, os tertulianos refugiavam-se ali para falar à vontade, em seu idioma e em seus decibéis habituais, sem incomodar os fregueses alemães que ocupavam o salão principal. A escolha do espaço não foi casual: naquele porão, a voz podia se elevar sem reparos e a nostalgia encontrava um canal compartilhado.

O *Heimweh* — essa palavra alemã tão precisa para designar a saudade da pátria — é uma constante no pensamento do migrante.

Logo, o que começou como uma conversa informal foi se tingindo de literatura. Alguém lia uns versos dos clássicos; outro, emocionado, compartilhava suas próprias composições, escritas ao calor da migração e do desenraizamento. Os assistentes chegavam diretamente de seus empregos, e seus parceiros se somavam depois. A tertúlia consolidou-se com uma periodicidade que ainda se mantém: as segundas e quartas sextas-feiras de cada mês.

Trinta anos de revezamento latino-americano

Há aproximadamente três décadas, o testemunho passou às mãos dos emigrantes latino-americanos. Gesine Mariona e José Napoleón Mariona — quem hoje, em julho de 2026, coordena a tertúlia — assumiram o revezamento com a convicção de posicionar o espanhol no norte da Alemanha. "Somos 500 milhões de falantes de espanhol no mundo — argumentam —, mas essa cifra não se reflete no espaço real que nosso idioma ocupa na Alemanha". Observam, com certo lamento empírico, uma espécie de "invasão" do russo, do francês e do inglês em âmbitos que, por número de falantes, deveriam corresponder ao espanhol. Longe de os desanimar, essa percepção alimenta seu entusiasmo e seu empenho.

A escrita como bálsamo

O *Heimweh* — essa palavra alemã tão precisa para designar a saudade da pátria — é uma constante no pensamento do migrante. Escrever, compartilhar, ler em voz alta: tudo isso produz um efeito calmante sobre o espírito ferido pelo desenraizamento. O Butacón torna-se assim um espaço de encontro com essa necessidade de transbordar sentimentos, de projetar o acompanhamento mútuo no fenômeno migratório.

Mas os benefícios vão além do emocional. A tertúlia mitiga penas, sim, mas também reduz a vulnerabilidade social. Promove a socialização entre migrantes, robustece o instinto gregário e dota seus participantes de energia vital. Num país estrangeiro, onde a integração passa frequentemente pela assimilação linguística, o Butacón oferece um contraponto necessário: a possibilidade de ser si mesmo, na própria língua, sem renunciar à identidade.

.

Gratuidade e liberdade de cátedra

Um dos pilares que sustentou a tertúlia durante estes cinquenta anos é seu caráter gratuito. Essa decisão, tomada desde os inícios, permitiu-lhes evitar subvenções formais e, com isso, preservar a liberdade de cátedra. Não há mais limite que o respeito às leis locais em matéria política e religiosa, e os participantes se atêm voluntariamente a esse marco. As ideias, sejam quais forem, encontram aqui um canal aberto e hospitaleiro.

Além das sextas-feiras

A atividade do El Butacón não se esgota nas duas tertúlias mensais. A cada ano convocam o Concurso da Língua Espanhola, que lhes permite manter vínculos com outros grupos hispanofalantes em toda a Alemanha e Europa. Ao encerrar o ano, publicam seu Caderno Literário *Viento Sur*, uma resenha do acontecido que serve de memória e de testemunho.

Um ano de celebrações

O 2026 marca o quinquagésimo aniversário daquela fundação, e a tertúlia o celebra em grande estilo: todas as sessões do ano levam o selo do especial e do comemorativo. Mas há uma data que brilha com luz própria no calendário: 11 de setembro de 2026, quando se completarão exatamente cinquenta anos daquela resolução assinada pelos emigrantes espanhóis. Nesse dia, a tertúlia voltará a se reunir para honrar a memória dos fundadores e renovar o compromisso com a palavra compartilhada.

Uma ponte de ida e volta

O Butacón não é apenas um lugar de encontro em Hamburgo. É uma ponte que transporta seus participantes — por meio do melodioso idioma comum — até seus lugares de origem na Ibero-América. É, também, uma prova de que a cultura migrante não é um patrimônio do passado, mas uma realidade viva que se reinventa a cada sexta-feira, cada poema, cada conversa.

Meio século depois, a tertúlia continua de pé. E promete continuar celebrando, a cada reunião, essa festa espiritual e intelectual que a converteu em uma instituição silenciosa mas imprescindível da paisagem cultural hamburguesa.

..... *Publicidad* ..... *Werbung* ..... *advertising* ..... *publicité* ..... *publicidade* .....

Südaka Editorial is looking for a sales agent to seek subscribers and advertising

We are looking for a sales agent to attract advertisers and subscribers.
Mode: Flexible work, from any city.
Remuneration: Based on commission (sales commission).
Requirements: Command of the local language and work permit.

If you are interested in joining our team, write to us at:

info@sudaka-editorial.com